



# miguilim

revista eletrônica do netli

volume 10, número 4, nov.-dez. 2021

## CONEXÕES ENTRE HISTÓRIA E LITERATURA: ANTISSEMITISMO EM *O MERCADOR DE VENEZA*



## CONNECTIONS BETWEEN HISTORY AND LITERATURE: ANTI-SEMITISM IN *THE MERCHANT OF VENICE*

Ana Caroline BARROS  
Universidade de Taubaté, Brasil

Silvio Luiz COSTA  
Universidade de Taubaté, Brasil

RESUMO | INDEXAÇÃO | TEXTO | REFERÊNCIAS | CITAR ESTE ARTIGO | OS AUTORES  
RECEBIDO EM 29/06/2021 • APROVADO EM 29/01/2022  
DOI: <https://doi.org/10.47295/mgren.v10i4.3598>

---

### Resumo

---

Este artigo busca compreender os vestígios antissemitas em *O Mercador de Veneza* pela dramaticidade em “ser judeu” no contexto de William Shakespeare. A reflexão privilegia a análise do personagem Shylock, um judeu usurário. A metodologia empregada envolve uma pesquisa bibliográfica com estudos historiográficos e literários, tendo como recorte o tempo de Elizabeth I e a Sereníssima República de Veneza, que influenciaram diretamente a obra shakespeariana de 1596. História e Literatura se aproximam, dessa forma, descortinando este ódio fortemente construído na mentalidade ocidental pelo estereótipo e pelas falácias depreciativas, que atribuíam aos judeus o papel de mal absoluto, espelhados no mundo da arte, em que pela tristeza do judeu, a plateia tinha diversão garantida.

---

## Abstract

---

This paper seeks to understand the antisemitic traces in *The Merchant of Venice* through the drama of "being a Jew" in the context of William Shakespeare. The reflection privileges the analysis of the character Shylock, a usurer Jew. The methodology employed involves a bibliographical research with historiographical and literary studies, having as a cutout the time of Elizabeth I and the Serenissima Republic of Venice, which directly influenced Shakespeare's work of 1596. History and Literature come together, in this way, unveiling this hatred strongly built in the Western mentality by the stereotype and by the depreciative fallacies, which attributed to the Jews the role of absolute evil, mirrored in the world of art, in which by the sadness of the Jew, the audience was guaranteed entertainment.

---

## Entradas para indexação

---

**Palavras-chave:** História e Literatura. O Mercador de Veneza. William Shakespeare. Antissemitismo.

**Keywords:** History and Literature. The Merchant of Venice. William Shakespeare. Antisemitism.

---

## Texto integral

---

### Introdução

Este estudo busca a compreensão de um fenômeno histórico, tomando como referência uma obra clássica da literatura, uma conexão que se realiza pelo que podemos chamar de "rastros" ou "traços", na qual "História e Literatura são formas de dar a conhecer o mundo, mas só a História tem a pretensão de chegar ao real acontecido" (PESAVENTO, 2012, p. 32). Roger Chartier dá continuidade nessa aproximação, apontando que "a ficção é um discurso que 'informa' do real, mas não pretende representá-lo nem abonar-se nele, enquanto a história pretende dar uma representação adequada da realidade que foi e já não é" (2017, p. 24). O historiador procura nas produções literárias algo que traga verossimilhança sobre o passado e o que lhe escapa dos livros, ou seja, outros detalhes íntimos pela perspectiva do escritor ao enxergar seu tempo.

A pesquisa historiográfica precisa ser fundamentada, por isso a recorrência a "citações, referências e documentos que convocam o passado na escritura do historiador, demonstrando também sua autoridade" (CHARTIER, 1945, p. 28). Essas "citações não são apenas evidências do que ele andou pelos arquivos, e cumprindo o seu ofício, pesquisou as fontes documentais, mas também operam no sentido de atestar que esse historiador conhece e participa do diálogo científico e acadêmico de sua época" (PESAVENTO, 2012, p. 29). O leitor de um documento histórico pode conferir suas fontes se não tiver convencido, já o literato tende a cativar o público pela narrativa e pela coerência de sua escrita, sem a obrigatoriedade de referenciar suas fontes.

[...] É a História que formula as perguntas e coloca as questões, enquanto a Literatura opera como fonte. A Literatura ocupa, no caso, a função de traço, que se transforma em documento e que passa a responder às questões formuladas pelo historiador. Não se trata, no caso, de estabelecer uma hierarquia entre História e Literatura, mas sim precisar o lugar de onde se faz a pergunta (PESAVENTO, 2012, p. 82).

Tendo em vistas essas conexões historiográficas é que *O Mercador de Veneza* atua como fonte. Trata-se de uma comédia amarga, escrita entre 1594 e 1596, por William Shakespeare. Seu enredo reflete o sentimentalismo e a interioridade da vida humana, a valorização da amizade, o amor dionisíaco, a celebração das festas italianas e o travestimento feminino. Contudo, quem se destaca é o judeu Shylock – e é, a partir dele, que o historiador tem como espelho a hostilidade dirigida aos judeus pela forma que é representado no espaço artístico. Também há de se destacar sua velha inimizade com Antonio<sup>1</sup> dentro da esfera econômica, social e religiosa.

O tempo de produção do autor é a Inglaterra de Elizabeth I – mesmo que tenha como cenário Veneza, a cidade renascentista, nos burburinhos do Rialto<sup>2</sup>. A ação humana que deixa rastros, apontada por Azevedo e Júnior (2019), são as marcas e sensibilidades carregadas pelo dramaturgo que transitava entre vários personagens e situações, por “ser contemporâneo em uma época em que a Europa se encontra em um período de mutação como no século XVI” (BOQUET, 1969, p. 84). O historiador pergunta “por que os judeus?”, encontrando resposta na fala dos personagens shakespearianos, que há de se dizer, são chocantes.

Nessa direção, “o historiador, para procurar formas de se aproximar o máximo possível do ocorrido ‘como se estivesse lá’, deve buscar ao que possa dar vida a isso, como diálogos autênticos, linguagens e costumes da época etc., o que aproximaria a história assim escrita da história romanceada” (VEYNE, 1998, p. 19). Dessa forma, História e Literatura mantêm um diálogo através do recorte sobre o antissemitismo, fenômeno que deixou experiências catastróficas na sociedade, que extrapolam o Tribunal de Inquisição e o genocídio dos campos de concentração nazistas. De tempos em tempos, foi se constituindo uma mentalidade preconceituosa que criou uma caricatura errante, levando inclusive a um medo contra este grupo étnico-religioso. E “quando as obras estão habitadas por uma força particular, adquirem a capacidade de produzir, moldar e organizar a experiência coletiva mental e física – e entre essas experiências se computa o encontro com o passado” (CHARTIER, 2017, p. 25).

---

<sup>1</sup> Antonio é um mercador cristão, personagem que carrega o nome da peça, disposto a se sacrificar pelo seu amigo Bassanio na tênue impressionabilidade do “homem bom”, mesmo que cuspa no personagem judeu. Este, por sua vez, é o usuário Shylock, ressentido, ora vingativo com os cristãos pela constante discriminação.

<sup>2</sup> Na Itália, Shakespeare tinha maior fonte dramática para amores e intrigas trágicas por ser uma nação fragmentada, com destaque para a notória exuberância e intelecto de Veneza. Várias de suas peças tinham como pano de fundo o solo italiano: *Romeu e Julieta*, em Verona, *A Megera Domada*, em Pádua, *Júlio César*, em Roma, e *O Mercador de Veneza* e *Otelo*, em Veneza.

Roger Chartier disserta que há múltiplos dispositivos de que podemos usufruir, independentemente de sua escrita, para identificarmos certos momentos históricos:

[...] E, em primeiro lugar, nas e pelas próprias obras, ou ao menos algumas delas que se apoderam dos objetos e das práticas da cultura escrita de seu tempo para transformá-los em recursos estéticos movidos por fins poéticos, dramáticos ou narrativos. Os processos que conferem existência ao escrito em suas diversas formas, públicas ou privadas, efêmeras ou duradouras, também se convertem no próprio material da invenção literária (CHARTIER, 2017, p. 42).

Segundo Nicolau Sevcenko, a produção literária se incorpora por intermédio do processo criativo em que o autor está inserido, ou seja, sua perspectiva e escrita dão-se pelas práticas recorrentes de sua época, na qual “lê-se a história simultaneamente ao ato de ler-se literatura, reproduzindo como que pelo avesso o movimento de quem fez história fazendo literatura” (1999, p. 241). O historiador defende que o autor registra “os fenômenos históricos [que] se reproduziram no mundo das letras, insinuando modos originais de observar, sentir, compreender, nomear e exprimir” (1999, p. 237). Nesse sentido, Guy Boquet (1969) salienta que o dramaturgo não entrava em conflito com os ideais elisabetanos, buscando preservar uma relação recíproca entre os governantes e a população pelo homem do teatro, visando manter a integridade da monarquia nacional e as ordens sociais. Seu interesse pelo cotidiano elisabetano também era para cativar um público ideologicamente heterogêneo da mentalidade inglesa, que contribuía para sua perspicácia de conhecedor da natureza humana em toda a diversidade existencial de suas condições sociais e, entre elas, estava a hostilidade da sociedade diante do judaísmo.

[...] Afinal, todo escritor possui uma espécie de liberdade condicional de criação, uma vez que os seus temas, motivos, valores, normas ou revoltas são fornecidos ou sugeridos pela sociedade a seu tempo – e é destes que eles falam. Fora de qualquer dúvida: a literatura é antes de mais nada um produto artístico, destinado a agradar e a comover, mas como se pode imaginar uma árvore sem raízes, ou como pode a qualidade de seus frutos não depender das características do solo, da natureza do clima e das condições ambientais? (SEVCENKO, 1999, p. 20).

Vê-se que História e Literatura não são campos opostos e, sim, cruzados. Com a abordagem e pergunta específica do historiador, temos um “pé” no passado pela “narração contínua e encadeada de vários fatos memoráveis que sucederam, ou em várias nações, ou em um ou em vários séculos” (CHARTIER, 2017, p. 27) pela óptica dramaturga. Um documento, ainda mais literário, não acaba nele e por ele mesmo, dando brechas para que possamos discuti-lo com cautela e sem cometer anacronismo. Os vestígios que nos permitem encontrar o antissemitismo em *O Mercador de Veneza* são as falas dos personagens cristãos carregadas de ódio por Shylock, enxergando-o como o próprio diabo, que enquanto usurário carrega

esse estereótipo negativo e humilhado que foi construído na figura dos judeus. Como finaliza Sevcenko (1999), haverá outras formas de poder mais legítimas aos olhos que a dos homens?

Esta pesquisa se justifica pela literatura abrir caminhos que se dá o progresso do conhecimento histórico. Pois tendo como “laboratório” a cabeça humana, a obra shakespeariana fornece visões e sensibilidades que permitem aumentar o seu repertório de perguntas que entram em diálogo com suas fontes para entender o antissemitismo.

O artigo se estrutura com esta introdução sobre a conexão entre História e Literatura; apresenta o antissemitismo no contexto histórico de William Shakespeare, inclusive no teatro elisabetano; analisa o preconceito contra o judeu em *O Mercador de Veneza* com foco nas falas dos personagens e, por fim, considera a posição de Shakespeare e as contribuições da obra de arte no desvendar do preconceito histórico contra um povo.

### **“Sou um judeu. Então um judeu não possui olhos?”: o antissemitismo em Shylock**

A compreensão do antissemitismo de *O Mercador de Veneza* requer, primeiramente, um olhar para a realidade social shakespeariana. Cabe observar a fragilidade dos vínculos nos Estados nacionais, pois “antes dos nacionalismos forjados pelo século XIX, os povos não se sentiam realmente ligados senão em um sentimento de vinculação religiosa” (DELUMEAU, 2009, p. 459). Jean Delumeau ressalta que, no contexto renascentista em que a obra foi escrita, o antijudaísmo assumiu “características unificadas, teorizadas, generalizadas e clericalizadas”, tendo os cristãos maior medo dos judeus. Sendo rebaixados como párias de natureza inferior, foi se construindo nos praticantes do judaísmo a imagem do mal absoluto, alastrando pelo globo um ódio intrincado que, ao trabalho do historiador, tornou-se uma tarefa instigante e assustadora para descobrir as razões desse sentimento. O fato é que o antissemitismo se tornou tão popular e abrangente, que era banal na atitude social em relação aos indivíduos de origem judaica, chegando aos teatros e à literatura. Bastava procurar quem pudesse fornecer escapatória dos problemas do mundo – como a peste negra, incêndio de cidade, aumento de imposto, água envenenada –, ou seja, não importava o “tamanho” do problema, a chave central que causou tais incômodos estava nos judeus, verdadeiros bodes expiatórios para diferentes situações.

[...] Foi coerente, sistemática, doutrinal e fez aparecerem como lógicas as perseguições sucessivas de que os judeus eram vítimas no tempo e espaço. Povo maldito – e que desejara sua maldição no momento da condenação de Jesus –, estava destinado ao castigo. Obstinado em seu pecado, continuava a acrescentar a seu crime inicial o do caráter empedernido. Merecia, portanto, as punições em cadeia que sofria e que só terminariam no fim dos tempos, e especialmente essas expulsões contínuas de um lugar a outro que deram origem à lenda do “judeu errante” (DELUMEAU, 2009, p. 436).

Este “judeu errante” era velho conhecido para Shakespeare. Como aponta Delumeau, os judeus que viviam na Grã-Bretanha passaram de banqueiros que participavam do Tesouro Real para a demonização de sua imagem com as Cruzadas, cujos integrantes acreditavam ser injusto deixarem viver em sua nação os inimigos de Cristo, cujas práticas religiosas e corrupções ímpias difamam suas leis. Com a II Cruzada, “aparecem pela primeira vez as acusações de assassinato ritual de uma criança cristã e de profanação da hóstia, verdadeiro crime de deicídio” (2009, p. 422) e boatos de envenenamento dos poços que causaram a Grande Peste de 1348. Com a negligência das autoridades, perderam seu espaço em solo inglês e, logo, a permissão de sobreviverem ali. Foram expulsos por Eduardo I por decreto parlamentar em 1290, indo embora praticamente com a roupa do corpo, pelo fato de suas riquezas materiais (bens móveis e créditos) terem sido confiscadas. Elizabeth I – rainha que proporcionou um avanço marítimo e ares renascentistas na contemporaneidade do dramaturgo – não voltou atrás com a decisão, perpetuando na mentalidade inglesa os judeus como uma das faces do diabo<sup>3</sup>, mesmo que as divergências religiosas da época fossem entre cristãos e protestantes, sendo que “a secessão protestante engendrara nos meios eclesiásticos endurecimentos doutrinários e maior medo do perigo judeu” (2009, p. 422). Shakespeare, então, talvez nunca tenha conhecido um judeu, e a única forma de escrever sobre era para odiá-lo, pois a caricatura odiosa permaneceu.

Nesse sentido, o personagem Shylock só pode ser construído por influência do contexto teatral elisabetano. Ainda segundo Delumeau, “[...] o teatro religioso foi, ao menos nas cidades, um dos grandes meios da catequese antijudaica [...] dão aos espectadores múltiplas ocasiões de detestar os judeus ou zombar deles” (2009, p. 423), envolvendo os dramas de Cristo, como a salvação de Barrabás. Logo surgiram as comédias, “então se multiplicaram as caricaturas do usurário israelita. O antijudaísmo passou então do teatro religioso ao teatro profano” (2009, p. 425), sobretudo na época shakespeariana, que teve como antecessor a peça *O Judeu de Malta*<sup>4</sup>, de Christopher Marlowe. Além disso, entre os séculos XIII e XVII, o antagonismo religioso entre cristãos e judeus estava à flor da pele desde que a Igreja Católica consolidou, em grande parte, sua hegemonia no medievo. De acordo com Novinsky (2015), o Tribunal do Santo Ofício estabelecido pelo papa Paulo III fez iniciar o mais terrível período da história judaica antes do nazismo, sendo o único povo para o qual foi criado um Tribunal para vigiá-los e puni-los. E isto ocorreu em 1536, 80 anos antes de *O Mercador de Veneza*. Mesmo tendo sido expulsos do solo inglês, foi deixado um medo diante do judeu, pois a “cultura cristã” tem medo de um inimigo que está no mais das vezes ausente, mas assim

<sup>3</sup> Jean Delumeau aponta que, pelo estereótipo errante e pela relação conturbada entre cristãos e judeus no século XVI, o judeu foi então considerado mal absoluto e uma das faces do diabo, nomenclatura presente em *O Mercador de Veneza* pelos personagens cristãos como Bassanio, Launcelot, Antonio, Gratiano e Lorenzo.

<sup>4</sup> O antisemitismo marloweano já começa marcado pela escolha do nome. No Novo Testamento, o judeu Barrabás é um bandido de mau-caráter que estava mantido preso junto com Jesus. Ele foi liberto por pedido do povo e a mando de Pôncio Pilatos, que, conseqüentemente, fez enviar Jesus para morrer na cruz. Em *O Judeu de Malta*, Barrabás chega até a matar antes próximos ao governador maltês e a envenenar as freiras do convento. Sua obra carrega discursos como: “Maltratar um judeu não é pecado, e sim uma caridade”.

mesmo vivo. O antissemitismo enlaçou a criação dessas peças, contudo o teatro tornou-se um catalisador desse ódio étnico-religioso pelas representações mal-intencionadas.

Na comédia obscura de Shakespeare, que envolve um perigoso acordo entre um cristão e um judeu, tendo como garantia a carne humana, Bassanio pede 3 mil ducados emprestados para seu amigo Antonio, mercador estimado em Veneza, para conquistar a bela herdeira de Belmonte, Porcia. Os navios comerciais de Antonio tinham partido há pouco, fazendo que não tivesse todo o valor necessário, recorrendo então ao seu pior inimigo<sup>5</sup> para fazer o empréstimo, o judeu usurário Shylock. Ele aceita o pedido, mas, caso Antonio não pagasse no dia estipulado, a caução exigida seria conceder-lhe uma libra da sua própria carne. Os diálogos que cercam esse acordo são feitos entre pontapés:

[...] ANTONIO: Notai isso, Bassanio, o diabo pode citar as Escrituras para justificar seus fins. Uma alma perversa que apela para testemunhas sagradas é como um velhaco de risonho semblante, como uma bela maçã podre no âmago! Oh, como a falsidade pode revestir-se de belo exterior!

[...]

SHYLOCK: *Signior* Antonio, muitas e muitas vezes, no Rialto, vós me maltratastes a propósito de meu dinheiro e dos lucros que faço produzir; mesmo assim, tudo suportei com paciente encolher de ombros, porque a resignação é a virtude característica de toda a nossa tribo [...] Muito bem; parece que hoje necessitais do meu auxílio. Avante, pois! Vindes a mim e me dizeis: “Shylock, teríamos necessidade de dinheiro”. Dizeis isso, vós que expelistes vossa saliva sobre minha barba e me expulsastes a pontapés, como enxotaríeis de vossa porta um cão vagabundo. Pedis dinheiro. Que devo dizer-vos? Não deveria responder: “Um cão tem dinheiro? É possível que um cão tinoso vos empreste 3 mil ducados?” Ou, então, devo inclinar-me profundamente e, com um tom servil, prendendo minha respiração num murmúrio de humildade, devo dizer-vos isto: “Arrogante senhor, cuspiastes sobre mim na última quarta-feira; vós me expulsastes a pontapés em tal dia; noutra ocasião me chamastes de cão; por todas essas amabilidades, devo emprestar-vos tanto dinheiro?”

ANTONIO: Tenho bem vontade de chamar-te novamente das mesmas coisas, de cuspir-te de novo e dar-te, também, pontapés. Se queres emprestar este dinheiro, empresta-o, não como a teus amigos, pois já se viu alguma vez que a amizade haja exigido de um amigo sacrifício de um estéril pedaço de metal? Não! Antes disso, considera este empréstimo como feito a teu inimigo, de quem poderás conseguir castigo com maior facilidade, caso não cumpra a palavra empenhada (SHAKESPEARE, 2013, p. 33-34)

---

<sup>5</sup> Esta passagem refere-se a uma fala de Bassanio: “[...] sou devedor de um amigo que me é caro e fiz que esse amigo se tornasse devedor do pior inimigo que possuía para poder arranjar-me recursos (SHAKESPEARE, 2013, p. 82)”.

Observa-se que Shylock e Antonio debatiam, sobretudo, por suas divergências entre mercador e usurário pela discriminação cristã em relação ao empréstimo que tinha como finalidade os juros, considerado como porta de entrada do pecado, cuja ocupação fazia jus aos judeus por já estarem condenados. Como afirma Anita Novinsky (2015), o antissemitismo pode ser explicado pela religião, pelas desavenças políticas e pelas ocupações econômicas. Antonio tinha em perspectiva ser “o melhor homem pisando na terra” e a “mais generosa das almas”, defende as leis cristãs contra a usura e salienta a misericórdia divina. Enquanto isso, o judaísmo e Shylock eram vistos sob uma óptica oposta: “[...] SALÂNIO: Está chegando um outro da mesma tribo. Não se encontraria um terceiro da mesma espécie, a não ser que o próprio diabo virasse judeu” (SHAKESPEARE, 2013, p. 70), tendo as Escrituras [Talmud] e costumes judaicos como raça pagã.

Os estereótipos quanto ao personagem Shylock neste artigo é objeto de reflexão, mesmo sendo impossível ter uma interpretação sólida sobre o personagem. Segundo Harold Bloom, sua construção tem uma interioridade e uma tenacidade assustadoras, “[...] em versos que ardem em rancor espiritual, informados por uma grande inteligência espiritual, Shylock afirma a sua identidade como judeu, herdeiro de um orgulho perseguido há quinze séculos” (2000, p. 236). Ele é caracterizado como vingativo, cruel, rancoroso, ganancioso e desumano; seu estereótipo físico nas gravuras mostram um judeu com nariz adunco, andar curvado, expressões maldosas e a insígnia (vermelha ou preta) que o diferenciava dos cristãos<sup>6</sup>, uma condição para permanecer em Veneza, assim como eram segregados no *Ghetto Nuovo*<sup>7</sup>.

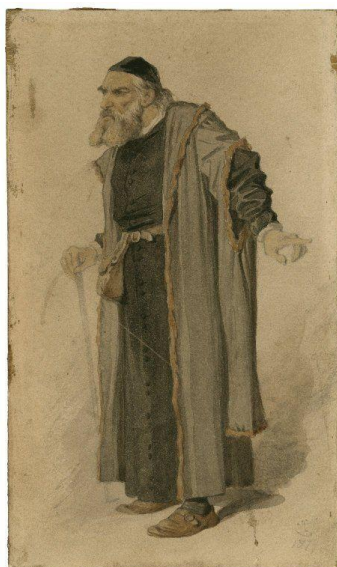


**Figura 1** – Campo del Ghetto Novo.  
**Fonte:** Luisella Romeu (seevenice.it).

<sup>6</sup> A insígnia fora determinada pelo Concílio de Latrão, logo o confinamento no gueto veneziano foi determinado pelo Papa Paulo IV, no século XVI. Só podiam sair durante o dia e eram vigiados por guardas cristãos à noite.

<sup>7</sup> A atração de Shakespeare por Veneza é por sua fama como incrível e cultural cidade da época, e mesmo que nunca tenha conhecido o guetto em pessoa, lhe interessava a interação entre cristãos e judeus no mesmo lugar.





**Figura 2** – Shylock.  
**Fonte:** John Tenniel (1879).

[...] Mais ainda que um judeu exótico, Shylock é antes de tudo o usurário medieval a aproveitar da juventude dourada, como outras das intempéries que arruinam os camponeses. Apesar da necessidade do empréstimo de capitais da nova economia, os moralistas cristãos se opunham a renunciar às condenações tomistas à usura [...]. Sob pressão das coerções econômicas e por temor ao anabatismo revolucionário, Calvino acabara justificando o empréstimo ao consumo. Em uma sociedade onde o Estado tenta limitar a taxa sobre o dinheiro a 10% e onde Gresham formula as leis da moeda, Shylock aparecia como o agiota de estilo antigo, algo escolhido pelos mercadores, que desejam reduzir a taxa de juros, e até, como Antonio, expulsar os usurários do Rialto (BOQUET, 1969, p. 42-43).

O lado maldito de Shylock, além de sua posição usurária, é vista logo no Ato I, Cena III, quando lhe é pedido o empréstimo de 3 mil ducados por Antonio e Bassanio, no qual o mercador deveria pagar uma libra de carne humana caso não cumprisse com o acordo. Antonio aceita fiel crente do sucesso de seus navios, enquanto Bassanio se desespera caso isso não aconteça, sendo assegurado pelo amigo que tudo dará certo. Não é o que acontece. Shylock encarava esse contrato judicial como “amistosa oferta”, “divertido documento”, “nem pode aproveitar tanto quanto a carne de carneiro, de boi ou de cabra”, sendo que suas verdadeiras motivações sejam rechaçar Antonio e, quando seus navios naufragam, o contrato é levado ao Tribunal de Veneza, sendo a notícia recebida por Shylock com um: Graças a Deus!

Seu ressentimento não justifica tal desumanidade, e é justamente por essa perigosa caução que a obra shakespeariana tem grande peso. Esse judeu vingativo, considerado uma das faces do diabo, carregava um preconceito bem elaborado pela plateia antisemita da Inglaterra Elisabetana, pois, como o dramaturgo escreveria um *bom* judeu se a mentalidade inglesa perpetuou, em suas práticas e

atitudes, um antijudaísmo evidente? Além da divergência econômica entre mercador e usurário, o que mais motivaria o ódio de Shylock e Antonio senão a mentalidade religiosa?

Nessa direção, os personagens cristãos destilam a origem maligna judia na obra. Não era necessário literalmente um massacre na peça para enxergar o antissemitismo, pois ele não estava oculto:

[...] LAUNCELOT: Se me deixar dirigir por minha consciência, ficarei com o judeu meu amo, que, Deus perdoe minha observação, é uma espécie de diabo; se fugir da casa do judeu, devo obedecer ao demônio, que, salvo vosso respeito, é o diabo em pessoa. Certamente, o judeu é o próprio diabo encarnado (SHAKESPEARE, 2013, p. 39).

[...]

LORENZO: Se algum dia o judeu, pai dela, for para o céu, será graças à encantadora filha; quanto a ela, jamais a desgraça teria coragem de barrar-lhe o caminho, a não ser que seja sob o pretexto de que se trata de filha de um judeu infiel (SHAKESPEARE, 2013, p. 50).

[...]

SALÂNIO: Deixa-me dizer bem depressa amém, para que o diabo não destrua o efeito de minha prece, porque ei-lo chegando sob a figura de um judeu (*Entra Shylock*) (SHAKESPEARE, 2013, p. 68).

[...]

GRATIANO: Oh, condenado sejas, cão inexorável! E que tua vida acuse a justiça! Quase me fizeste vacilar em minha fé, e acreditar junto com Pitágoras que as almas dos animais passam para os corpos dos homens. Teu espírito mesquinho animava outrora um lobo que foi enforcado pela morte de um homem e cuja alma feroz, despreendida da força, quando ainda estavas no ventre de tua mãe profana, introduziu-se em ti. Teus desejos são os de um lobo: sanguinários, famintos e rapaces (SHAKESPEARE, 2013, p. 98).

[...]

BASSANIO: Tudo sacrificarei, tudo perderei para libertar-te desse diabo (SHAKESPEARE, 2013, p. 104)

Contudo, pode-se explorar um outro lado de Shylock, justamente pela brecha literária que atua como gesto de inconformismo pela própria manifestação do judeu usurário, logo pela observação direta do dramaturgo. Sendo assim, “Shakespeare esforça-se para expurgar de Shylock todo o elemento marlowiano, o que, inevitavelmente, implica um mergulho no interior do personagem” (BLOOM, 2000, p. 234). Shylock perde seus bens e sua filha que fugiu com o cristão Lorenzo; a construção literária deixa subentendido uma linearidade de quem agiu por vingança contra seu pior inimigo por ser constantemente ofendido e excluído. Os atos cruéis do personagem Shylock podem ser, então, uma porta de entrada para entender o “porquê os judeus”, pois mesmo que o teatro religioso e profano os tenha rechaçado, o questionamento de Shakespeare traz um lado ressentido do vilão no Terceiro Ato:

[...] Ele me cobriu de opróbrio, impediu-me de ganhar meio milhão; riu-se de minhas perdas, ridicularizou meus lucros, menosprezou minha nação, dificultou meus negócios, esfriou meus amigos, esquentou meus inimigos; e, que razão tem para fazer tudo isso? Sou um judeu. Então, um judeu não possui olhos? Um judeu não possui mãos, órgãos, dimensões, sentidos, afeições, paixões? Não é alimentado pelos mesmos alimentos, ferido com as mesmas armas, sujeito às mesmas doenças, curado pelos mesmos meios, aquecido e esfriado pelo mesmo verão e pelo mesmo inverno que um cristão? Se nos picais, não sangramos? Se nos fazeis cócegas, não rimos? Se nos envenenais, não morremos? E se vós não ultrajais, não nos vingamos? Se somos como vós quanto ao resto, somos semelhantes a vós também nisto. Quando um cristão é ultrajado por um judeu, onde coloca ele a humildade? Na vingança. Quando um judeu é ultrajado por um cristão, de acordo com um exemplo cristão, onde deve ele pôr a paciência? Ora essa, na vingança! A perfídia que me ensinais, eu a porei em prática, ficarei na desgraça, se não superar o ensino que me destes (SHAKESPEARE, 2013, p. 69-70).

A intensidade da fala nesta linguagem dramatúrgica salienta as contribuições do uso da literatura como fonte histórica, pela oportunidade de entendermos “como se tivesse lá”, como um suposto judeu enxergava sua posição em um tempo antissemita, vivendo em insegurança que, a qualquer momento, poderia ser taxado como bode expiatório por alguma crise ou pela propulsão que tomava o teatro renascentista. Seu questionamento é por que este preconceito, também perguntado pelos historiadores (e toda sociedade nos dias atuais) se são tão humanos quanto? Se também são feitos de carne e osso, como qualquer outra pessoa viva? E essa é a alteridade perversa, distante daquela consciente e acolhedora da diversidade qual todos poderíamos ser “nós”. Sendo assim, “o odioso e rancoroso Shylock só foi possível – e se só se tornou verossímil para os espectadores – em razão de todas as injúrias que os mistérios haviam lançado anteriormente sobre o povo maldito” (DELUMEAU, 2009, p. 425).

Na corte de justiça veneziana, Shylock mostra-se irredutível em seguir a caução pela libra da carne de Antonio. Sua argumentação pela continuidade era “[...] que sentença devo temer, não havendo feito mal algum? [...] Esta libra de carne que reclamo custou-me muito dinheiro, é minha e eu a conseguirei. Se ela me for negada, anátema contra vossa lei! Não há força nos decretos de Veneza! Quero justiça. Será que conseguirei?” (SHAKESPEARE, 2013, p. 96). A cláusula penal deveria ser inválida sob a lente dos direitos humanos por violar a dignidade pessoal, uma estratégia utilizada por Pórcia voltada para a segurança de Antonio pela interpretação teleológica da lei. O desejo de seguir a lei ao pé da letra levou ao sofisma jurídico, pois o contrato garantia a carne, e não o sangue.

[...] PORCIA: Espera, judeu; tens, entretanto, que prestar contas à lei. Está escrito nas leis de Veneza que, se ficar provado que um estrangeiro, através de manobras diretas ou indiretas, atentar contra a vida de um cidadão; a pessoa ameaçada ficará com metade dos bens do culpado; a outra metade irá para a caixa

privada do Estado, e a vida do ofensor ficará entregue à mercê do doge que terá voz soberana. Ora, afirmo que tu te encontras no caso previsto, pois está claro por prova manifesta que, indiretamente e mesmo diretamente, atentaste contra a própria vida do réu. Tu incorreste na pena que acabo de mencionar. Ajoelha-te, pois, e implora a clemência do doge (SHAKESPEARE, 2013, p. 107).

Essa reviravolta no julgamento desta caução incerta é um retrato do antijudaísmo da época<sup>8</sup>, pois, como aponta Jean Delumeau (2009), os boatos deicidas, os concílios, as crises e as guerras proliferaram pelo mundo ocidental o medo pelo perigo judeu, se tornando por razões, em sua maioria, religiosa, inimigos internos, acrescentado pela cristianização acompanhada de denúncias e ofensas ao povo semita entre os séculos XIII e XVII. Não havia motivos para deixar um judeu feliz na peça – Shylock acaba isolado, privado de seguir o judaísmo e praticar usura; tudo que era recriminado pela sociedade elisabetana. Antonio lhe forçou a conversão pois seria o único meio de fazer o “bem” pelo mal que lhe fez, enquanto partia para seus dias de felicidade. O personagem judeu lamenta: “Não, tomai minha vida e tudo mais. Não escuseis isso mais do que o resto. Apoderai-vos de minha casa quando me tirais o apoio que a sustém; vós me tirais a vida, quando me privais dos meios de viver” (SHAKESPEARE, 2013, p. 108).

[...] Se, de um lado, tal característica confere ao personagem imensa expressividade, de outro, toma-o extremamente vulnerável, chegando mesmo a transformá-lo no bode expiatório da peça. É capaz de atuar com uma ironia impiedosa, principalmente nos diálogos com o Duque, mas a grande ironia da comédia faz de Shylock sua vítima. Cabe a Pórcia o privilégio de provocar a ironia na peça, mas, à custa de Shylock, tal ironia toma-se brutal, embora não tão brutal quanto a do bom Antonio, que oferece a Shylock duas opções: ser executado como indigente ou sobreviver como agiota aposentado, pois, como cristão convertido, Shylock não pode desempenhar uma atividade típica de judeu (BLOOM, 2000, p. 235).

Quando Pórcia diz: “Estás satisfeito, judeu? Que tens a dizer?”, e sua resposta é “estou satisfeito” (SHAKESPEARE, 2013, p. 109), não há quem possa acreditar, pois, como indica Harold Bloom (2000), poucas plateias sentir-se-ão confortáveis com sua desolação por perder o que lhe define, somente se reunirmos uma plateia feliz em seu antissemitismo. O fato de Shakespeare mudar sua posição exclui a possibilidade de considerá-lo simplesmente um antissemita, levando em consideração que estava imerso em um contexto hostil, com poucos pensamentos favoráveis ao judaísmo. Era essa a imagem que ficava, pois não havia contato direto com eles. O dramaturgo far-nos-á supor, por sua vivência, que não havia

---

<sup>8</sup> Como os bens de Shylock seriam divididos entre a Sereníssima República de Veneza e Antonio, este último decidiu doar os bens para a filha do judeu, Jéssica, que havia fugido com seu amigo cristão Lorenzo. Mas era necessário que, para não perder sua vida, precisasse se converter imediatamente ao cristianismo.

tenro afeto dos cristãos pelos judeus, apenas ironia e preconceito, mesmo que problematize as perseguições no plano político, étnico, social e religioso que este grupo étnico-religioso sofria no discurso de Shylock. O que temos por sua narrativa é sua percepção, passagens que espelham uma temática tão frequente no cotidiano inglês e que colocou no mundo teatral para seus espectadores, sendo, hoje, um vestígio documental de 1594 nos moldes literários.

### Considerações finais

A partir da conexão entre História e Literatura, os valores e linguagem dos personagens tornam-se “reais”, pois o historiador busca torná-los autênticos e significativos, tendo em vista a época em que foi escrita. A fonte literária abre um portal dimensional para aproximar-nos das sensibilidades e das representações da Inglaterra Elisabetana e sua perspectiva sobre o povo perseguido, permitindo um efeito de verossimilhança entre o judeu histórico e o judeu Shylock.

Após a análise dos discursos, vê-se que a construção do ódio contra os judeus foi além das fronteiras religiosas, étnicas, políticas e econômicas: foi espelhada na arte. Shakespeare pode nunca ter conhecido um judeu, porém, sendo mais que filho de seus pais, ele era filho de seu tempo; um contexto bombardeado pelo antissemitismo que fora perpetuado pelos aparelhos de poder e mentalidade inglesa, e é por esta razão que foi escolhido para este estudo, por meio da metodologia bibliográfica.

O dramaturgo desvela a imagem estereotipada presente na sociedade: usurário, vingativo, cruel, desumano – o próprio mal absoluto. Quando protesta sobre as constantes perseguições e acaba sem o que lhe mantém íntegro, o autor leva-nos a refletir, como leitores, um questionamento sobre o antissemitismo. Pois um judeu não tem olhos quanto um cristão? Mas naquele contexto, a fim de buscar a apreciação da plateia elisabetana, deixou subtendido um Shylock maldoso, cuja construção negativa era tão conhecida ao longo do tempo. Para o personagem Shylock, a razão deste ódio era, simplesmente, por ser judeu; enquanto perdia seu sentido de viver em contrapartida com a serenidade partilhada dos personagens cristãos.

---

### Referências

---

AZEVEDO, Natanael Duarte de; FERREIRA JÚNIOR, José Temístocles. Diálogos entre história e literatura: a história cultural e a Belle Époque brasileira. *Miguilim – Revista Eletrônica do Netlli, Crato*, v. 8, n. 2, p. 34-52, maio-ago. 2019.

BLOOM, Harold. *Shakespeare: invenção do humano*. Rio de Janeiro: Objetiva, 2000.

BOQUET, Guy. *Teatro e Sociedade: Shakespeare*. São Paulo: Perspectiva, 1969.

CHARTIER, Roger. *A história ou a leitura do tempo*. 2. ed. Belo Horizonte: Autêntica, 2017.

DELUMEAU, Jean. *História do medo no Ocidente 1300-1800: uma cidade sitiada*. São Paulo: Companhia das Letras, 2009.

NOVINSKY, Anita. *Os judeus que construíram o Brasil: fontes inéditas para uma nova visão da história*. São Paulo: Planeta do Brasil, 2015.

PESAVENTO, Sandra. *História & história cultural*. 3 ed. Belo Horizonte: Autêntica, 2012.

SEVCENKO, Nicolau. *Literatura como missão: tensões sociais e criação cultural na Primeira República*. São Paulo: Brasiliense, 1999.

SHAKESPEARE, William. *O Mercador de Veneza*. Tradução Fernando Carlos de Almeida Cunha Medeiros e Oscar Mendes. 2. ed. São Paulo: Martin Claret, 2013.

VEYNE, Paul. *Como se escreve a História*. 4 ed. Brasília: UnB, 1998.

---

### Para citar este artigo

---

BARROS, Ana Caroline; COSTA, Silvio Luiz da. Conexões entre História e Literatura: o antissemitismo em *O Mercador de Veneza*. *Miguilim – Revista Eletrônica do Netlli*, Crato, v. 10, n. 4, p. 1469-1482, nov.-dez. 2021.

---

### Os Autores

---

**Ana Caroline Barros** é graduada em Licenciatura em História pela Universidade de Taubaté (SP). Atuou como bolsista integrante pelos programas Pibid/Capes e Nugec/Taubaté. Este artigo é fruto de seu trabalho de graduação “O judeu como mal absoluto: antissemitismo em *O Mercador de Veneza*”, sob orientação do Prof.º Dr. Silvio Luiz da Costa. Tem trabalhos apresentados sobre este mesmo tema em eventos científicos da Unitau, Unisal e Univap.

**Silvio Luiz da Costa** é doutor em Educação pela FE-USP. Mestre em Ciências Sociais pela PUC-SP. Graduado em Filosofia pela PUC-MG. Docente e pesquisador do Programa de Mestrado em Gestão e Desenvolvimento Regional da Unitau. Coordenador do Programa Residência Pedagógica Capes/Unitau – Curso de História. Professor na área de fundamentos da educação e ciências sociais nos cursos de graduação e de pós-graduação da Unitau.